

PERSPECTIVAS DOS MERCADOS DE TOMATE PARA INDÚSTRIA E MESA

Waldemar Pires de Camargo Filho¹

1 - INTRODUÇÃO

O cultivo de tomate no mundo é realizado para atender a duas cadeias produtivas distintas: produção de tomate industrial para processamento e para consumo *in natura*. Enquanto o primeiro é produzido sob contrato produtor-indústria, o segundo tem características próprias da cadeia produtiva de hortaliças.

O objetivo deste trabalho é apresentar a participação da quantidade produzida dos dois tipos de tomate no mundo e no Brasil, as principais regiões produtoras e a tendência desses mercados.

2 - CONTEXTO MUNDIAL

No início da década de 90 até 1994, o mercado brasileiro sofreu forte pressão de preços baixos, em razão da superprodução americana e conseqüente financiamento para colocação do excesso de produto no mercado mundial. Com isso, o Chile, principal abastecedor nacional, devido a acordo bilateral de comércio com o Brasil, aumentou suas vendas ao País, fazendo com que a produção brasileira tivesse retração.

No período 1997-99, a participação da quantidade de tomate mundialmente processada girou em torno de 27% do total produzido². No mercado internacional de tomate processado existem dois blocos importantes: o NAFTA, que engloba os países da América do Norte, sendo os Estados Unidos da América (EUA) o maior produtor, consumidor e importador de polpa; em seguida, a União Européia (UE) que é o maior bloco comercial no mercado internacional, realizando comércio entre países-membros grandes produtores de polpa: Itália, Espanha, Grécia e Portugal, os quais

têm acordo comercial com países do Mediterrâneo (Tunísia e Marrocos), para completar seu abastecimento.

O Brasil é o oitavo produtor mundial e o sétimo maior em processamento. Para que o País possa galgar a quinta posição, superando a Espanha e a Grécia, são necessárias diretrizes integradas de política agrícola, definidas internamente, em seguida, estabelecimento de acordos de comércio. Por exemplo: o Chile, depois da Argentina, Paraguai e Uruguai, é o principal "aliado" comercial do Brasil. No entanto, iniciou sua participação no mercado agrícola mundial com frutas e tomate industrial integrando-se aos EUA. Esse país na década de 70 realizou planejamento de toda a cadeia produtiva de tomate e atualmente possui parque industrial mais moderno, porém não possui terras para cultivo, enquanto o Brasil tem o maior parque industrial de tomate da América do Sul, com a produção do cerrado em expansão³.

Se houvesse acordo comercial entre esses países seria possível abastecer a América Latina, depois disputar os mercados de tomate processado da Ásia e da África, todos em expansão neste século.

O Chile afirma querer participar do MERCOSUL, mas caminha em direção aos EUA (NAFTA), principal produtor mundial para firmar acordos comerciais. Se isso ocorrer, poderá haver maior pressão do Chile para abastecer o mercado brasileiro, inclusive utilizando-se da prática de *draw-back* (compra dos EUA e revende ao Brasil) (Tabela 1).

3 - PRODUÇÃO DE TOMATE PARA INDÚSTRIA E MESA NO BRASIL

As estatísticas de área cultivada e produção no Brasil são realizadas pelo IBGE, com auxílio de técnicos nos municípios. Após o levanta-

¹Engenheiro Agrônomo, Mestre, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

²SILVA, J. B. C. da; GIORDANO, L. de B. **Tomate para processamento industrial**. Brasília: EMBRAPA/Comunicação para Transferência de Tecnologia, 2000. 168p. (EMBRAPA-Hortaliças, 2000).

³CAMARGO FILHO, W. P. de; MAZZEI, A. R. Mercado mundial de tomate e o Mercosul. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 27, n. 10, p. 25-38, out. 1997.

TABELA 1 - Produção Mundial de Tomate para Indústria e Mesa, em Países Selecionados no Mundo, 1998¹

País	Área (1.000ha)	Produtividade (kg/ha)	Produção total (1.000t)	Tomate industrial (1.000t)
Ásia	1.537	25.722	39.531	...
China	539	30.386	16.387	780
Índia	350	15.143	5.300	...
Turquia	158	41.722	6.600	1815
Japão	14	57.143	800	...
Europa	408	39.969	16.297	...
Itália	114	47.174	5.369	4.484
Espanha	60	59.729	3.554	1.182
Grécia	45	46.458	2.085	1.262
Portugal	21	51.667	1.085	988
América do Norte	299	46.615	13.944	...
EUA	165	65.063	10.762	8.522
Canadá	9	56.718	501	...
México	72	27.463	1.988	...
África	497	22.061	10.963	...
Egito	175	34.171	5.980	...
Tunísia	23	28.455	663	470
Marrocos	26	47.420	1.242	...
América do Sul	155	35.446	5.506	...
Brasil	64	43.569	2.784	1.020
Chile	19	63.430	1.1197	867
Argentina	26	25.962	675	335
Subtotal	1.782	35.770	63.742	21.725
Outros	1.387	18.808	26.086	2.997
Total	3.169	28.343	89.828	24.722

¹Do período 1979-81 até 1998, a área cultivada aumentou 10%, a produtividade 8,5% e a produção 19,7%, sendo que o aumento médio da produtividade de tomate industrial tem sido maior que o do tomate de mesa.

Fonte: FAO. **Production Yearbook**. Roma, 1998. v. 52, para área, produtividade e produção total; SILVA, J. B. C. da; GIOR-DANO, L. de B. **Tomate para processamento industrial**. Brasília: EMBRAPA/Comunicação para Transferência de Tecnologia, 2000. 168p. (EMBRAPA-Hortaliças, 2000), para a quantidade produzida de tomate industrial; CAMARGO FILHO, W. P. de; MAZZEI, A. R. Mercado mundial de tomate e o Mercosul. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 27, n. 10, p. 25-38, out. 1997, para a produção de tomate industrial na Argentina.

tamento das informações municipais, os dados são agregados por estado e avaliados por uma comissão do IBGE. O cálculo para a estimativa de área e produção de tomate engloba o de uso industrial e de consumo *in natura*. Dessa maneira, deve-se recorrer à quantidade processada pela indústria para se obter a quantidade destinada ao mercado de produto fresco.

O Brasil em 1999-2000 superou a produção de 3 milhões de toneladas de tomate por ano. O tomate para uso industrial participa com 1,1 milhão de toneladas⁴ A cadeia produtiva de tomate de mesa produz, portanto, cerca de 2 milhões de toneladas por ano (Tabela 2).

TABELA 2 - Área Cultivada e Produção de Tomate no Brasil, 1990-2000

Ano	Área (ha)	Produtividade (kg/ha)	Produção (t)
1990	60.869	37,14	2.260.871
1991	60.862	38,51	2.343.811
1992	52.210	41,01	2.141.345
1993	53.734	43,71	2.348.498
1994	61.039	44,05	2.688.570
1995	62.054	43,75	2.715.016
1996	70.916	37,34	2.647.727
1997	65.052	41,78	2.717.965
1998	63.901	43,57	2.784.111
1999	64.548	50,32	3.247.791
2000	56.343	53,51	3.014.874

Fonte: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (IBGE).

É necessário realçar que as regiões abastecedoras sofreram mudanças radicais. No

⁴Op. cit. notas 2 e 3.

Nordeste o cultivo de tomate industrial ocorre na Bahia, Pernambuco e Ceará. A cultura sofreu severo ataque da traça do tomateiro e participou, no período 1999-2000, com apenas 12% do total produzido no Brasil. O Estado de São Paulo, segundo maior produtor, também teve reduzida sua participação para 23% do total nacional. A região nordestina nos últimos dez anos praticamente não teve acréscimo de produtividade e o custo de produção tornou-se alto relativamente ao cultivo no cerrado. Em São Paulo, embora houvesse melhoria de cultivo, o custo de produção ainda é maior.

Com a ascensão do Centro-Oeste, as indústrias reorganizaram-se no Estado de Goiás. Atualmente Minas Gerais-Goiás participam com 43% da produção brasileira de tomate. O tomate industrial contribui com cerca de 60% nos dois Estados.

A Região Sul não produz tomate para indústria, participa apenas com 11% do total nacional e está apresentada como um todo somente para referência de quantidade produzida.

Dessa forma, há necessidade de promover ações em dois sentidos nas cadeias produtivas de tomate. O primeiro, e menos complicado, é a integração de ações de produtores, indústria e governo, visando acelerar a modernização na produção e assegurar a participação no mercado da Ásia e da Europa (Tabela 3).

TABELA 3 - Área e Produção de Tomate nos Principais Estados e Região Sul do Brasil, 1999-2000

Estado e Região	Área (ha)	Produtividade (kg/ha)	Produção (t)	Participação (%)
Estado				
Goias	10.839	71.040	770.000	24,5
São Paulo	12.735	58.460	744.500	23,7
Minas Gerais	10.867	53.880	585.459	18,6
Rio de Janeiro	3.293	56.450	185.904	5,9
Espírito Santo	1.580	64.833	102.436	3,3
Bahia	6.296	29.380	184.966	5,9
Pernambuco	2.223	38.790	86.237	2,7
Ceará	2.057	38.431	77.900	2,5
Região Sul ¹	8.139	42.173	343.242	10,9
Outros	1.945	33.890	66.154	2,1
Brasil	60.000	52.119	3.146.798	100,0

¹A Região Sul engloba Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Fonte: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (IBGE).

O segundo deve ser mais regional e para tomate de mesa, com o objetivo de cada região procurar ser auto-suficiente na produção

de tomate e, através de produtores associados, organizar a distribuição aos mercados atacadista e varejista.

No Estado de São Paulo, a Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI) e o Instituto de Economia Agrícola (IEA) realizam levantamento da área e produção de tomate rasteiro (indústria) e de envarado (mesa). A área cultivada total em São Paulo foi de 12.735 hectares no biênio 1999-2000, sendo que o tomate para indústria ocupou uma área de cerca de 4.000ha e participou com 33% do total produzido no Estado.

4 - CUSTOS E ESTRATÉGIAS PARA O TOMATE INDUSTRIAL

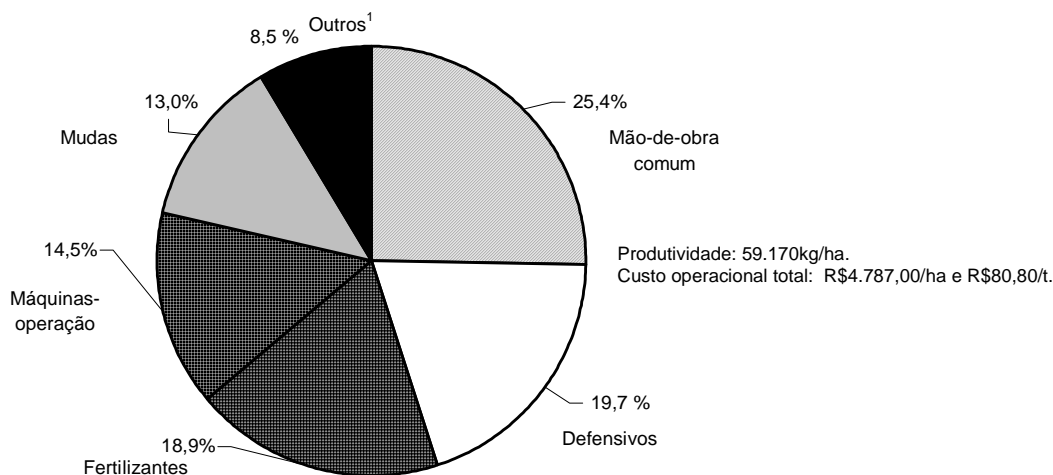
A União Européia (UE) possuía custo de produção de tomate industrial maior que o dos EUA. Os governos dos países-membros da UE promoveram integração de produtores industriais e conseguiram aumentar a produtividade acima de 70t/ha, implementaram a colheita mecânica e atualmente esses países têm custo de produção semelhante a dos produtores da Califórnia.

O custo do tomate industrial em São Paulo, estimado pelo IEA, foi de R\$80,80 em janeiro de 2000, considerando-se a região de Novo Horizonte, com produtividade média de 59,2t/ha, sendo o custo operacional por hectare de R\$4.787,00. O principal gasto foi com mão-de-obra comum 25,4%, com a operação de colheita responsável por 69%. Assim, fica evidenciada a necessidade de implementar a colheita mecânica. Em seguida, apareceram defensivos com 19,7% do total gasto. A aplicação racionalizada de eticidas e fungicidas deve ser melhor analisada (Figura 1).

No caso do Estado de São Paulo, é importante incentivar o plantio direto de grãos na região produtora de tomate para indústria, a fim de melhorar o solo, a irrigação e dar sustentabilidade ao sistema de produção.

No Centro-Oeste, a produtividade do tomate industrial é superior a 65t/ha e o custo operacional de produção gira em torno de US\$47,00/t⁵. Esse custo é compatível com o do mercado mundial, mas é necessário que os produtores aumentem sua participação nos lucros da cadeia e obtenham produtividade superior a 70t/ha,

⁵ANUÁRIO DA AGRICULTURA BRASILEIRA - AGRICULTURAL 2001. São Paulo: FNP Consultoria & Comércio, 2001. p. 521.



¹Depreciação de máquinas, encargos financeiros, arrendamento.

Figura 1 - Participação dos Principais Itens no Custo de Produção de Tomate Rasteiro (Industrial) no Estado de São Paulo, 2000.

Fonte: Elaborada pelo autor a partir de MELLO, N. T. C. de (Coord.). Matrizes de coeficientes técnicos de utilização de fatores na produção de culturas anuais no estado de São Paulo. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 30, n. 5, p. 47-105, maio 2000.

sem aumentar custo. Portanto, em Minas Gerais e São Paulo, os produtores devem adotar a colheita mecanizada para baixar o custo de produção e controlar a aplicação de defensivos, o plantio com mudas, o espaçamento adequado sobre a palha ao mesmo tempo em que, junto com as indústrias processadoras, pressionem o Governo brasileiro para que o Chile seja aliado no processamento de tomate industrial, visando o abastecimento da América Latina, África e Ásia, ou seja, tenham postura de concorrentes dos EUA e não de compradores. Os mercados da Ásia, Rússia e África devem expandir consideravelmente o consumo de tomate processado nesse início de século.

5 - PROGNÓSTICO DE PREÇOS DE TOMATE DE MESA⁶

O Estado de São Paulo tem seus preços de tomate como parâmetro de venda para todo Brasil, por ser o maior consumidor desse produto e ter como principal centro atacadista de hortigranjeiros do País o Entrepasto Terminal de São Paulo (ETSP), da Companhia de Entrepastos e Armazéns Gerais de São Paulo (CEAGESP). Assim, pode-se fazer prognóstico de preços futuro,

baseados nos preços ocorridos.

Em 2000, os preços se elevaram muito no período março a maio, havendo com isso aumento de plantio e excesso de produção, com preços baixos em agosto e setembro. Dessa maneira, em 2001 a perspectiva é de que o mercado tenha cotações maiores que as do ano anterior, em agosto e setembro. No entanto, em outubro e novembro será o inverso de 2000, com preços mais baixos.

Vale lembrar aos comerciantes, com participação no abastecimento de Buenos Aires e Montevideu, que esses mercados são promissores, porque as geadas nesses países iniciam-se em maio, e a produção regional só ocorre com maior intensidade a partir de novembro. O preço médio nesse período é maior que US\$0,55/kg e, em setembro e outubro, é próximo a US\$0,75/kg.

⁶CAMARGO FILHO, W. P. de C., MAZZEI, A. R. Abastecimento de legumes: tendência de preços. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 30, n. 10, p. 35-49, out. 2000.